



O Mito de Salvador *Fortaleza Forte*

Mário Mendonça de Oliveira*

Justificando o título, o autor apresenta um esboço histórico da construção inacabada do sistema de defesa português em Salvador.

Não seria demais falar de um mito da cidade de *fortaleza forte* que foi Salvador. Realmente, a cidade, nos primórdios da sua fundação, desfrutava de razoável condição de defesa, uma vez que a ameaça imediata era a do silvícola, que não podia opor ao colonizador mais que a ação das suas armas rudimentares, mesmo que hábeis arqueiros, conhecedores do terreno e homens de invulgar coragem. Para isso, o precário muro de taipa de pilão, com sabor de defesa medieval, que foi erguido, ainda sob a orientação do mestre Luíz Dias, segundo traçados gerais vindos do Reino, respondia adequadamente à

sua função. O problema é que a cidade cresceu de maneira acelerada, como esclarecem os cronistas, dentre eles Gabriel Soares, e a cobiça crescente de outros povos europeus fez da costa brasileira palco das correrias de corsários, aventureiros e contrabandistas e, mais tarde, de empresas de maior escala, que tornaram a Cidade do Salvador, *Cabeça do Brasil*, um local desejado.

Essa metrópole era, porém, ao contrário do que apregoaram alguns historiadores louvaminheiros, muito vulnerável aos ataques externos de exércitos modernos e bem organizados da época, detentores de artilharia, *arma infernal* que,

a partir do século XVI, já detinha razoável eficiência. Nesse sentido, Gabriel Soares, em 1587, já demonstrava a sua preocupação a respeito da nossa vulnerabilidade, ao afirmar: *Não parece despropósito dizer neste lugar que tem el-Rei nosso senhor obrigação de com muita instância mandar "acudir ao desamparo em que esta cidade está" (grifo nosso), mandando-a cercar de muros e fortificar como convém ao seu serviço e à segurança dos moradores dela...¹*

O crescimento vertiginoso e desordenado da Cidade do Salvador (continua ainda em nossos dias), especialmente a partir do século XVII, criou dificuldades na edificação de um perímetro fortificado seguro, dentro dos postulados da

* Historiador.

¹ SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Lisboa. Alfa, 1989, p. 85.

antipoliorcética, ou, como diziam os antigos engenheiros militares, dentro das *máximas* que as escolas *modernas* de fortificação estabeleciam, especialmente as escolas italiana, holandesa e francesa. No caso da Baía de Todos os Santos, os problemas multiplicavam-se porque, sendo uma das maiores baías do planeta (*que podia abrigar todas as esquadras do mundo*), a abertura da sua barra não permitia qualquer cerceamento ao acesso de naus inimigas, que poderiam passar, ao largo, sem serem hostilizadas pela artilharia. Além do mais, Portugal nunca foi um país rico, e a Fazenda Real abria suas portas muito parcimoniosamente para fazer investimentos por aqui, em vista dos problemas que tinha com as possessões e colônias da África e da Ásia, cujo investimento era muitas vezes maior que o retorno, situação agravada pelo seu tradicional endividamento com países europeus. Assim, o desenvolvimento das nossas fortificações ficava a depender principalmente das *imposições*

locais sobre os vinhos, o óleo das baleias, ou outros produtos de comércio, cujo ingresso de recursos não era compatível com as necessidades de uma fortificação em larga escala, como a cidade exigia.

A preocupação com a vulnerabilidade da nossa cidade não é uma simples *impressão* que se pode deduzir da leitura de documentos antigos. Ela é explicitada, com toda clareza, especialmente nos escritos dos especialistas do assunto, os militares, particularmente os engenheiros militares que por aqui estiveram, trabalharam ou viveram. Assim, no alvorecer do século XVII, o Sargento-Mor e Capitão da Costa do Brasil, Diogo de Campos Moreno, referiu-se no seu relatório: *A cidade do Salvador pode ser lugar muy forte e ben guardado os navios q'nelle estiveren fazendose o q'sua mag.ª tem mandado o anno de seis sentos e seis (1606) pelas plantas q fes o engenheiro fran. de frias e confirmou e emendou tiburcio espanochi engenheiro mor despanha...*² Ou seja, *pode ser*, e não era. Para

que chegasse a ser, seria mister que se executasse o plano do Engenheiro Francisco Frias, com a aprovação e ajustes feitos pelo famoso Tibúrcio Spanocchi, engenheiro-mor da Espanha, cuja Coroa se encontrava unificada, naquele momento, com a de Portugal.

Em vista de não ter sido concluída a fortificação da cidade é que os holandeses nela entraram com a maior facilidade, em 1624. Estes, ao se assenhorearem da praça, trataram de fortificá-la, porque, como bons especialistas, consideravam-na desprotegida para lhes garantir a defesa. Fizeram fortes de terra na ermida de S. Pedro e no atual Outeiro do Barbalho, organizaram posições defensivas no Santo Antônio Além do Carmo, barraram o Rio das Tripas criando o *dique pequeno*, que veio a ser chamado, posteriormente, *dique dos holandeses*, e outras defesas mais.

O período que sucedeu à invasão e à restauração da Cidade do Salvador mostrou que era importantíssimo fortificar a nossa cidade e o Morro de S. Paulo,

² ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Relatório de Diogo de Campos Moreno - 1609 - Coleção de Plantas, Mapas e Outros Documentos Iconográficos. Documento 68 (Maço 599).

chave da defesa das *Três Vilas*, antiga designação dos documentos reais para Cairu, Boipeba e Camamu, consideradas, textualmente, como os *celeiros* que abasteciam Salvador, sem os quais seria impossível manter esta praça. A demonstração cabal da fragilidade do nosso sistema defensivo, com a tomada da cidade pelos batavos, fez com que, mesmo envolvido com as guerras da Restauração e com as dificuldades financeiras do pós-guerra, o Governo português decidisse melhorá-lo, investindo alguma coisa da fazenda real mas, principalmente, criando *imposições*. Na cidade, algumas defesas foram restauradas e/ou receberam melhorias e teve início a construção do Forte de S. Marcelo, cuja obra se arrastou por longos anos.

Todavia, o relatório anônimo³ datando provavelmente de 1671 ou 1672, mesmo que não fizesse um

comentário das defesas como um todo, não tinha observações muito lisonjeiras em relação às fortalezas relacionadas.

Somente no fim do século XVII, por meio do Capitão Engenheiro João Coutinho, que veio de Pernambuco, por determinação da Corte, tentou-se fazer um plano em larga escala para defender a cidade, que encontrou desprotegida. Afirmava ele: *Na Bahia não tem o pouco imposto algum p.^a as fortificações, sendo q he a Praça do Brazil, q mais careçe dellas, porq sendo húa bahia aberta, em q se não pode por nenhum caminho impedir a entrada do inimigo, e o poder lançar g.^{ra} em terra no Reconcavo, nem sequer até a Cidade está capaz de se defender. E agora q se intenta fortificala, co'muita razão deve o povo concorrer p.^a isto, pois tanto lhe importa a sua conservação.*⁴ O projeto de

Coutinho jamais foi executado, salvo algumas partes, de modo que Bernardo Ravasco Vieira, irmão do Padre Antônio Vieira, que foi Secretário de Estado por muitos e muitos anos, levantava em seu *Discurso a seguinte reflexão: Morreu o Engenheyro, despoz o Gov.^o Mathias da Cunha, tudo ficou no mesmo ser athé hoje, e só crescerão as ruynas, e nellas os Arvoredos*⁵ (grifos nossos).

O apagar das luzes do século XVII caracterizou-se pela polêmica sobre se a *Cabeça do Brasil* deveria ter fortificações de pedra e cal ou de *torrão*, leia-se, de terra. No fundo, reaparecia o velho dilema de bajular o soberano, poupando a sua fazenda, sempre avara e/ou sem recursos e, de outra parte, fazer fortificações adequadas e duradouras. Enquanto se discutia, nada se fazia, a não ser arrotar bravatas inconseqüentes como as

³ Biblioteca da Direcção da Arma de Engenharia (Portugal). Papéis Militares, v.1, nº 1.608. O primeiro documento é a relação de receita e despesa de manutenção da praça da Bahia (nº 90). No segundo documento está uma relação de artilharia e soldados das fortificações de Salvador e do Recôncavo, feita por solicitação de Afonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, 1º Visconde de Barbacena, que governou de 1671 a 1675 (nº 91), e o terceiro documento é a *Memória dos Fortes q ha Nesta Praça da B.^a e o seu reconcavo, capitaens q os ocupão e soldados q vencem* (nº 92). Embora não esteja datado, temos uma idéia aproximada em virtude de ter sido solicitado pelo Visconde de Barbacena. Há possibilidades de que tenha sido elaborado pelo Capitão Engenheiro Antônio Correia Pinto, destacado nesta época para Salvador.

⁴ Arquivo Histórico Ultramarino. Ms. 245 (Bahia) - Registro de Cartas Régias (1675-95), fl. 123.

⁵ Códice de cópias de documentos do Conselho Ultramarino do Arquivo de Évora - Na fl. 285 tem início o discurso feito por Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre Antônio Vieira. Cota: CV/1-17, fl. 293.

de Câmara Coutinho,⁶ parafraseando Platão: *As verdadeiras muralhas haveriam de ser os peitos dos soldados...*⁷ Ora, o Mestre-de-Campo Miguel Pereira definiria, alguns anos depois, de maneira bem categórica, a situação dessas tropas, como veremos em citação posterior.

Vem o século XVIII, as ameaças de invasões continuam, e a Coroa de Portugal resolve, mais uma vez, fazer um sistema fortificado digno para a capital portuguesa das Américas. Logo no início deste século, em 1709, o Tenente de Mestre-de-Campo Miguel Pereira da Costa é mandado para a Bahia. Era ele uma das maiores patentes que veio com destino de aqui servir, um engenheiro experimentado nas campanhas do Alentejo, como combatente e como fortificador. Ao lado do tremendo choque cultural que o deixou perplexo diante dos costumes da nova sociedade e saudoso do seu Alentejo, assaltado por aquele *transoceanismo*, no dizer do Mestre Capistrano,

manifestou o seu desespero por encontrar uma cidade completamente despreparada e sem defesas para fazer face a um eventual inimigo. A um certo *Padre Mestre*, certamente um jesuíta, seu antigo professor, dizia em carta datada de 18 de junho de 1710: *...está tudo aqui no maior dezamparo, a praça aberta, e exposta a q.¹ q.¹ invazão, o q m.¹⁰ destes morad.⁶ não considerão, pella aversão q tem a se fortificarem, dizd.^o ser impraticavel o vir cá o inim.^o q.^{do} já o experimentaram no tempo q os Holandezes ocuparão esta praça, e he ridiculo o dizerem se não poderá aqui conservar, pois não considerão a perda das part.⁶, a q terá el Rey na falta de tão import.¹⁶ frota, e o q será necssr.^o sahir de Portugal p.³ expulsar este inim.^o; e q.¹⁰ ao impraticavel pella aspereza dos bosques, ou estreteza dos pasos, seria assim se nelles houvesse quem o impedisse, mas na tal ocasião os poucos brancos cuidarão em transportar o preciozo a p.¹⁶ segura, os*

negros em procurar a liberdade, q.¹⁰ mais q sem venser aquellas difilculd.⁶ tem o inim.^o aqui perto da cid.⁶ p.³ onde fasa desembarque sem opposição (...). No relatório preliminar que fez, que ele mesmo intitulou *Extracto da fortificação desta Praça da Bahia estado em q se acha, remédio de q neççita* (sic), diz textualmente: *...estas obras com q esta praça se acha p.³ sua defesa, e "todas em miseravel estado"* (grifo nosso) *por q sendo tão pequenos, q não tem a capacid.⁶ nececr. p.³ o ouzo* (sic) *da artelhr.³, pois sendo neççario fazer fogo violento em poucos tiros ficará emcapas de laborar (,) tem o seo pavim.¹⁰ ou explanada em termo de não poder rodar qualquer pessa, e necessitando tudo de prompto remedio.⁸*

Quando se fala em Miguel Pereira da Costa, é mister, sempre, prestar-lhe as honras de que foi merecedor. Ele, que muitos anos por aqui viveu e que aqui parece ter falecido, cessado o choque inicial que se observa na sua primeira corres-

⁶ Governador-Geral de 1690 a 1694.

⁷ Biblioteca Nacional. *Documentos Históricos*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional, 1950, v. 89: Consultas do Conselho Ultramarino - Bahia 1673-94.

⁸ Relatório de Miguel Pereira da Costa. Documentos Avulsos da Biblioteca da Ajuda. Cota: 54-IX-8 - n.º 60. Número de catálogo: 1.814(60). Grafia original.

pondência com o Reino, passou a amar esta terra. Seguiu sempre trabalhando nas edificações do sistema fortificado do Morro de S. Paulo e da Cidade do Salvador, apoiado pelo então Capitão Engenheiro Nicolau Abreu de Carvalho.⁹ Especialmente as obras do Morro de S. Paulo, que ele julgava, com muito acerto, serem de grande importância estratégica, vieram trazer muitos dissabores a este competente e íntegro engenheiro, quando o peso dos anos já não lhe permitia assimilar com facilidade esses reveses. Essas contrariedades, possivelmente, levaram esse homem de brio à loucura e à morte. Um certo provedor-mor, o Desembargador Pedro de Freitas Tavares Pinto, resolveu acusá-lo perante o Rei de irregularidades nas obras do morro, por não lhe ter dado parte de obras de cortinas que ligavam ao Forte Velho.¹⁰ Em sua defesa, além do companheiro e

colega Nicolau Abreu de Carvalho, vem o próprio Vice-Rei, o Conde de Sabugosa, informando: *Foy tão desordenada a paixão com que sempre procedeo o Dez.^{or} Pedro de Fraytas Tavares Pinto, servindo de Provedor mor da fazenda, a respeito do M.^e de Campo Engenheiro Miguel Pereyra da Costa, que cuydou por todos quantos meynos podia escoagitar (sic) a malevolencia em desluzir a sua grande capacidade, e aquelle honrado procedimento, desinteresse, e exacção com que se asignalou e distinguiu no serviço de V. Mag.^e com notoria satisfação das suas obrigaçoens, de sorte que moralmente me persuado que foi a total cauza de passar a sua melancolia, a doudisse (sic), e desta á morte.* Contra-argumentando as invectivas, chega a ser duro ao dizer o Vice-Rei: *A esta escandalozza preposição dezejava eu responder como era justo, porem a modestia,*

*e a veneração com que devo fallar na prezença de V. Mag.^e me impossibilita...*¹¹

O reconhecimento, por parte da Coroa portuguesa, da fragilidade das defesas de importantes cidades brasileiras como Salvador, Recife e Rio de Janeiro¹² fez com que o monarca de Portugal desse a patente de brigadeiro a João Massé - tido por muitos como francês de nação mas que, na verdade, era inglês - para vir ao Brasil, na qualidade de experto da castramentação, para melhorar as defesas destas praças e de outras vizinhas. Em Salvador, contou ele com a colaboração de engenheiros locais, que já conheciam a realidade do terreno, como o nosso Mestre-de-Campo Miguel Pereira da Costa e o Capitão Gaspar de Abreu, este último lente da Aula de Arquitetura Militar da Bahia, criada em 1713.¹³ Como sempre, do majestoso projeto de fortificações proposto para Salvador,

⁹ Este engenheiro, que serviu muitos anos na praça de Salvador, teve muitos filhos baianos, alguns militares, até que a falta de visão lhe impediu de exercer a sua profissão, vindo também a morrer nesta cidade. Veio para cá em 1723 para substituir Gaspar de Abreu, que tinha falecido em 1721.

¹⁰ Baluarte de quatro planos de fogo, que hoje se encontra a meio caminho entre o Forte da Ponta do Facho (com invocação de S. João Batista) e o Portaló.

¹¹ A.H.U., Avulsos, Caixa 49, nº 46.

¹² Acabava de ser invadida em 1711 pelos franceses.

¹³ A primeira Aula Militar da Bahia foi criada por Carta Régia de 1699 e o primeiro lente oficial foi o Sargento-Mor Antônio Roiz Ribeiro, que aqui chegou no início do século XVIII. Aula funcionando por determinação do governo local, na Bahia, sob a regência de José Paes Esteves já foi assinalada desde 1696.



Projeto de fortificação para a Cidade do Salvador, como representado nas Cartas Soteropolitanas de Villena, que ele declara ser uma cópia do projeto do Brigadeiro Massé de 1716. Uma das cópias deste projeto encontra-se no Arquivo Militar do Exército (RJ), BA-006.

cujos originais foram perdidos, mas dos quais restaram-nos cópias,¹⁴ pouca coisa foi realmente executada, ficando a defesa do nosso presídio para depois. O mesmo aconteceu com outras cidades.

A mudança da capital para o Rio de Janeiro liquidou, literalmente, com a possibilidade de Salvador vir a ser fortificada adequadamente. Ao se apagarem as luzes do século XVIII, o bom baiano Domingos Alves Branco Muniz Barreto, ainda como capitão de infantaria do Regimento de Estremoz, depois brigadeiro sob o Império, é quem retrata a situação das nossas defesas com a contundente afirmativa do seu relatório:¹⁵ *Sendo vastíssimos os domínios q' a Nação Portuguesa possui no Brasil, não só se tem abuzado inteiramente da riqueza, q' liberalm.º lhes oferece, mas q' pouco, ou nada se tem cuidado em segurala, na defeza dos portos, q' igualmente permitem húa navegação sem limite. A razão deste disconcerto tem*

diversas origens, q' todas se podião ter precavido, se os planos offerecidos por aquelles q' sabem o que convem á sua Nação achassem o remédio ou algúa disposição para se adoptarem, ainda em tempo, q' se podiam remediar os errados detalhes dos primeiros, que forão encarregados de levantar as Povoações naquelle Novo Mundo, que só olharam a sua natural cobiça deixando tudo o mais com diformidade. Não é, pois, de admirar que este conceituado official, que continua a sua peroração neste tom, tenha passado algum tempo em desgraça, malgrado o seu prestígio, estando nas primeiras fileiras daqueles que optaram por um Brasil independente. Diz o Mestre Silva Campos que Muniz Barreto era maragogipano, mas a sua fê de officio e outros documentos dizem outra coisa, ou seja, que ele nasceu em Salvador.¹⁶ O seu relatório sobre a nossa defesa é também bastante claro: ...Cidade da Bahia, lugar onde fui gerado...¹⁷

O cronista-mor de Salvador, do fim do século XVIII, Luiz dos Santos Vilhena, ainda que não fosse um especialista das fortificações, como ele mesmo confessa, ao abrir o capítulo que delas trata, cerca de reservas o seu discurso ao escrever: *E por isso, seguro de que as minhas cartas não passarão da tua mão; eu sem dúvida deixara de obedecer-te, por não me expor à crítica de que me ouvisse tratar de um assunto tão alheio à minha profissão como seja a fortificação desta cidade, e sua guarnição.*

Parece, entretanto, que se procurou informar, de quem de direito, sobre a nossa situação, mostrando levantamentos cadastrais dos propugnáculos ainda existentes na sua época, alguns deles cópias de desenhos do Sargento-Mor José Antônio Caldas. Isso, porém, não o eximiu de cometer alguns equívocos. Continuava ele na sua modéstia: *Eu, meu amigo, ignoro a maior parte dos termos de fortificações, e tática; pelo que será*

¹⁴ Uma delas é uma iconografia guardada no Arquivo do Exército, no Rio de Janeiro, e outra foi reproduzida por Luiz dos Santos Vilhena, nas suas *Cartas Soteropolitanas*.

¹⁵ Biblioteca e Arquivo Municipal do Porto - Manuscrito 686 (Brasil). *Observações sobre a Fortificação da Cidade da Bahia*, p. 1.

¹⁶ AHU. Catálogo de Castro e Almeida, nº 16.266, 16.282 e outros.

¹⁷ Biblioteca e Arquivo Municipal do Porto. Doc. cit. p. 2.

*impossível, que deste meu atrevimento não saia um monstro tal, que ninguém possa definir; tu, porém, mandas; e eu me vejo precisado a obedecer-te.*¹⁸

O último grande estudo sobre a estratégia de defesa e as fortificações de Salvador, levado a efeito no fim do período colonial, é o relatório conhecido como *Relatório Galeão*.¹⁹ Na realidade, o então Brigadeiro José Gonçalves Galeão não foi autor exclusivo do documento. Foram signatários dele o Coronel Engenheiro Manoel Rodrigues Teixeira, o Tenente-Coronel de Artilharia José Francisco de Souza e Almeida, o Capitão Engenheiro Joaquim Vieira da Silva Pires e o 1.º Tenente Engenheiro João da Silva Leal. Este último, autor dos desenhos que ilustravam o texto e que são conhecidos sobretudo pelos pesquisadores da matéria. Embora Galeão tivesse ocupado a regência da Aula Militar, após a morte do Sargento-Mor José Antônio Caldas, em 1782, a sua maior competência não eram as artes do desenho, mas a artilha-

ria. Percebe-se que o texto contém observações marcantes sobre o emprego da *ars tormentaria* na defesa de Salvador. Velhos ensinamentos do Cavaleiro De Ville e Vauban foram invocados no documento, bem assim discutidos ensinamentos mais atuais de Trincano e Montalembert, envolvendo a famosa polêmica das casamatas para artilharia.

No relatório preliminar de Galeão, datado de 15 de setembro de 1809, é colocado em destaque o problema crônico da guarnição paga da cidade do Salvador, naquela época contando com dois regimentos de linha com *1.275 soldados compreendendo o número de doentes no Hospital, invalidos e recrutas* e, mesmo convocando todos os habitantes aptos a pegar em armas, ainda era um número *muito diminuto para a defesa de toda a marinha*. Previa o documento um efetivo mínimo de 7.176 homens, para defender a nossa cidade nos primórdios do século XIX.

Dito isto, fica a pergunta: Onde estariam as defe-

sas formidáveis de que falam muitos escritores? Somente o ufanismo, que não tem cabimento no método do estudo da História, ou o desconhecimento do método de fortificar das grandes escolas, que pontificaram nos séculos XVII e XVIII, podem conduzir a uma tal conclusão.

Isso não quer dizer, entretanto, que as fortificações remanescentes de Salvador, esses artefatos de inequívoco valor cultural, dos quais temos que lamentar enormes perdas, não tenham enorme significado para nós. Os nossos velhos propugnáculos, muitos deles não passando de fortins e redutos, alguns injuriados, mas recebendo atualmente das pessoas cultas a atenção que merecem, são marcos da nossa História militar e civil. Explicam, com a maior clareza, as relações entre Portugal e sua Colônia e a evolução urbana da nossa cidade. São referências na paisagem urbana, imprescindíveis na caracterização da imagem muito peculiar desta Salvador de 450 anos. ◉

¹⁸ VILHENA, Luiz dos Santos. *A Bahia no Século XVIII* (Cartas Soteropolitanas). Salvador: Itapuã, 1969. Notas e comentários de Braz do Amaral.

¹⁹ Apud. ACCIOLI, Coronel Inácio - AMARAL, Braz do. *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*. Comentários de Braz do Amaral. Salvador, 1919, v. IV.